

PAISAGENS FANTASMA

Disappearing Landscapes

Paisajes fantasma

Santiago Arcila¹
Juan Arturo García²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i33.15962

Resumo: O projeto Paisagens Fantasma toma a árvore de quina (*Cinchona officinalis*) e seu alcalóide, a quinina, como operadores conceituais que articulam memórias coloniais e espectros de violência em escala global. Saqueada das florestas andinas, a quina conectou América, Europa, África e Ásia em redes de extração, poder e resistência, originando o primeiro modelo de produção agroindustrial e, posteriormente, o primeiro cartel farmacêutico em escala global. Neste ensaio visual, apresentamos fragmentos de dois trabalhos que integram o projeto: 1. O curta experimental MA-QUINA, de Sebastian Wiedemann e Alexis Milonopoulos; 2. Artefatos roubados, um conjunto de imagens de espécies de quina doados anonimamente ao Centro de Malestares Tropicales, em um gesto típico do ativismo arquivístico.

Palavras-chave: Colonialismo. Espectralidade. Extrativismo. Ativismo arquivístico. Quina.

Abstract: The project Disappearing Landscape takes the cinchona tree (*Cinchona officinalis*) and its alkaloid, quinine, as a conceptual operator that articulates colonial memories and specters of violence on a global scale. Looted from the Andean forests, cinchona connected the Americas, Europe, Africa, and Asia through networks of extraction, power, and resistance, giving rise to the first model of agro-industrial production and, later, the first global pharmaceutical cartel. In this visual essay, we present fragments of two works that are part of the project: (1) the experimental short film MA-QUINA, by Sebastian Wiedemann and Alexis Milonopoulos; and (2) Stolen Artifacts, a series of images of cinchona specimens anonymously donated to the Centro de Malestares Tropicales, in a gesture typical of archival activism.

Keywords: Colonialism. Spectrality. Extractivism. Archival Activism. Cinchona.

Resumen: El proyecto Paisajes Fantasma toma el árbol de quina (*Cinchona officinalis*) y su alcaloide, la quinina, como operadores conceptuales que articulan memorias coloniales y espectros de violencia a escala global. Saqueada de los bosques andinos, la quina conectó América, Europa, África y Asia en redes de extracción, poder y resistencia, creando el primer modelo de producción agroindustrial y, posteriormente, el primer cartel farmacéutico en nivel global. En este ensayo visual presentamos fragmentos de dos trabajos que integran el proyecto: (1) el cortometraje experimental MA-QUINA, de Sebastian Wiedemann y Alexis Milonopoulos; y (2) Artefactos robados, un conjunto de imágenes de especies de quina donadas anónimamente al Centro de Malestares Tropicales, en un gesto propio del activismo archivístico.

Palabras-clave: Colonialismo. Espectralidad. Extractivismo. Activismo archivístico. Quina.

¹ Doutorando; Universidad de los Andes, Bogotá, D.C., Colômbia. santiagoarcila9@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-8296-4908>

² Graduado; Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México, CDMX, México. jag.contacto@gmail.com

Paisagens fantasma

A metodologia espectral que articula este projeto é concebida como uma arqueologia das vibrações históricas, uma ferramenta pensada para cartografar não apenas os fatos mortos, mas as reverberações ativas do passado que insistem e pulsam no presente com a força de um fantasma. Inspirada na sismografia warburguiana das *pathosformel* — que rastreia a migração e a reaparição de fórmulas emotivas na arte —, esta abordagem transcende o puramente iconográfico e ancora sua exploração material e política das linhas coloniais e decoloniais em um vetor vegetal específico: a quina. Esta árvore andina e seu alcaloide, a quinina, revelam-se um extraordinário operador conceitual que une, de forma material e simbólica, as histórias entrelaçadas da América, Europa, África e Ásia. A quinina não foi apenas um fármaco; foi um vetor vegetal que canalizou fluxos de poder, desejo e violência colonial, conectando as selvas sul-americanas aos palácios europeus, os campos de batalha africanos e as plantações asiáticas em uma rede global de extração, domínio e resistência.

Como espectro ativo, a quina condensa em sua casca memórias de dominação, mas também sementes de futuros possíveis. Sua reverberação é a de um luto não resolvido, das cosmotécnicas originárias fraturadas pela colonização, mas também da vibração de uma potência latente. Metodologicamente, isso implica uma escuta profunda dos ecos que emergem dessa conexão transcontinental: desde o saque das florestas de quina nos Andes para financiar as coroas europeias até o uso da quinina como tecnologia imperialista que, ao proteger os colonizadores da malária, permitiu a colonização da África, facilitando a exploração do continente e o deslocamento forçado de suas populações. Simultaneamente, o vetor se conecta e se bifurca na Ásia. O fracasso britânico em cultivar quina na Índia levou à expansão das plantações de chá em Assam e no Ceilão como alternativa econômica. Já o esforço holandês alcançou grande êxito nas Índias Orientais (hoje Indonésia), não apenas

consolidando a plantação de quina na ilha de Java, mas também criando o primeiro modelo de produção agroindustrial e, posteriormente, o primeiro cartel farmacêutico em escala global, com sede nos Países Baixos, no início do século XX. Em ambos os casos, reconfigurando paisagens e sociedades com reverberações de longo alcance. Portanto, quina-espectro perturba qualquer narrativa histórica localizada, revelando uma rede global de interdependência colonial.

Em conjunto, essa metodologia e o espírito do projeto constituem um exercício de sismografia histórica global, cujo objetivo é calibrar o instrumento e captar as frequências mais sutis dessa rede. Não se busca apenas desconstruir a história colonial para denunciar seus crimes, mas, de maneira mais ambiciosa e desde uma perspectiva decolonial, ativar a potencialidade latente nessas mesmas reverberações que cruzaram oceanos. O espectro da quina, em seu eterno retorno, é um operador conceitual que, ao perturbar o presente, abre fendas para uma reflexão especulativa global. Permite reler o passado não como uma cadeia causal, mas como um campo de forças em disputa que conecta continentes. Permite imaginar futuros radicalmente distintos que floresçam das ruínas dessa história interconectada, fazendo da planta um catalisador de novos mundos nos quais o material, o ancestral e o especulativo se entrelaçam em uma nova constelação de sentido planetário.

Como dar sentido a uma paisagem que desaparece? A busca por um sentido, ou o próprio processo de buscá-lo, pode fazer surgir e dissolver mundos. Este é o caso da árvore da quina (*Cinchona officinalis*) —uma árvore que outrora era endêmica das florestas andinas e praticamente se extinguiu no século XIX. A semente desta proposta nasce do desejo de preencher alguns dos vazios nas narrativas que cercam a árvore da quina e, a partir daí, começar a articular uma longa cadeia de acontecimentos que historicamente permitiram uma enorme espoliação, mas que são difíceis de compreender como um conjunto coerente, assim como sua relevância atual. Esses episódios opacos —que transformaram os saberes tradicionais em “delírios ignorantes”, mas que, no entanto, foram cruciais para o desenvolvimento das “reflexões cultas” da ciência, da medicina e da botânica— desapareceram das narrativas “oficiais”

da ciência tanto nos países sul-americanos quanto no Norte Global. Com este projeto investigamos especificamente a produção de conhecimento e ignorância em torno da árvore da quina, por meio das redes que conectaram os países da América do Sul com os Países Baixos e, através do Cartel da Quina em Amsterdã, com outros territórios coloniais ao redor do mundo.

Queremos tornar visíveis as conexões desconhecidas entre os territórios que estavam conquistando sua independência e os primórdios da agroindústria nos Países Baixos: um processo que foi convenientemente prototipado primeiro nas colônias e depois transportado à metrópole. Ao examinar duas paisagens distintas —uma floresta que desaparece na Colômbia e os vestígios arquitetônicos de seu comércio nos Países Baixos— aspiramos trazer à superfície essas histórias e tornar mais tangíveis suas interconexões, entendendo o desenho dessas conexões em um sentido amplo (e expansivo). Examinaremos o desenho dos arranjos que possibilitam as descobertas botânicas e científicas, bem como o desenvolvimento de substâncias farmacológicas. Abordaremos também a (infra)estrutura que permite e obscurece processos de extração: epistêmica, social, econômica e biológica. Com o desenvolvimento deste projeto, exploramos o papel simbólico da arquitetura (vernácula? informal? invisível?) e seu papel muito concreto nas práticas extrativistas coloniais, para além de sua existência material.

Neste ensaio visual, trazemos fragmentos de duas obras que integram o projeto. Primeiro, exibimos alguns fotogramas do curta-metragem experimental *MA-QUINA*, dos artistas Sebastian Wiedemann e Alexis Milonopoulos. O filme intercala e sobrepõe imagens da exploração do vegetal – nos tempos coloniais e em períodos mais recentes – com imagens da quina (árvores, folhas, caule, casca). No fundo, a trilha reproduz cantos dos povos Bora e Uitoto, etnias originárias das porções colombiana e peruana da Amazônia. O segundo trabalho aqui reproduzido chama-se *Artefatos roubados*, de autoria do coletivo Centro de Malestares Tropicales. A obra apresenta um conjunto de imagens de folhas e cascas de diferentes espécies de quina. Esses espécimes estavam guardados em arquivos ao redor do

mundo e foram entregues secretamente ao Centro por doadores anônimos, perfazendo o caminho inverso, rumo à América do Sul. Convidamos a todos a conhecer o projeto completo no site: www.paisajesfantasma.com.

MA-QUINA

Ideia e conceito: Sebastian Wiedemann e Alexis Milonopoulos

Composição audiovisual: Sebastian Wiedemann

Música: Cantos Bora e Uitoto

Duração: 8:15 min

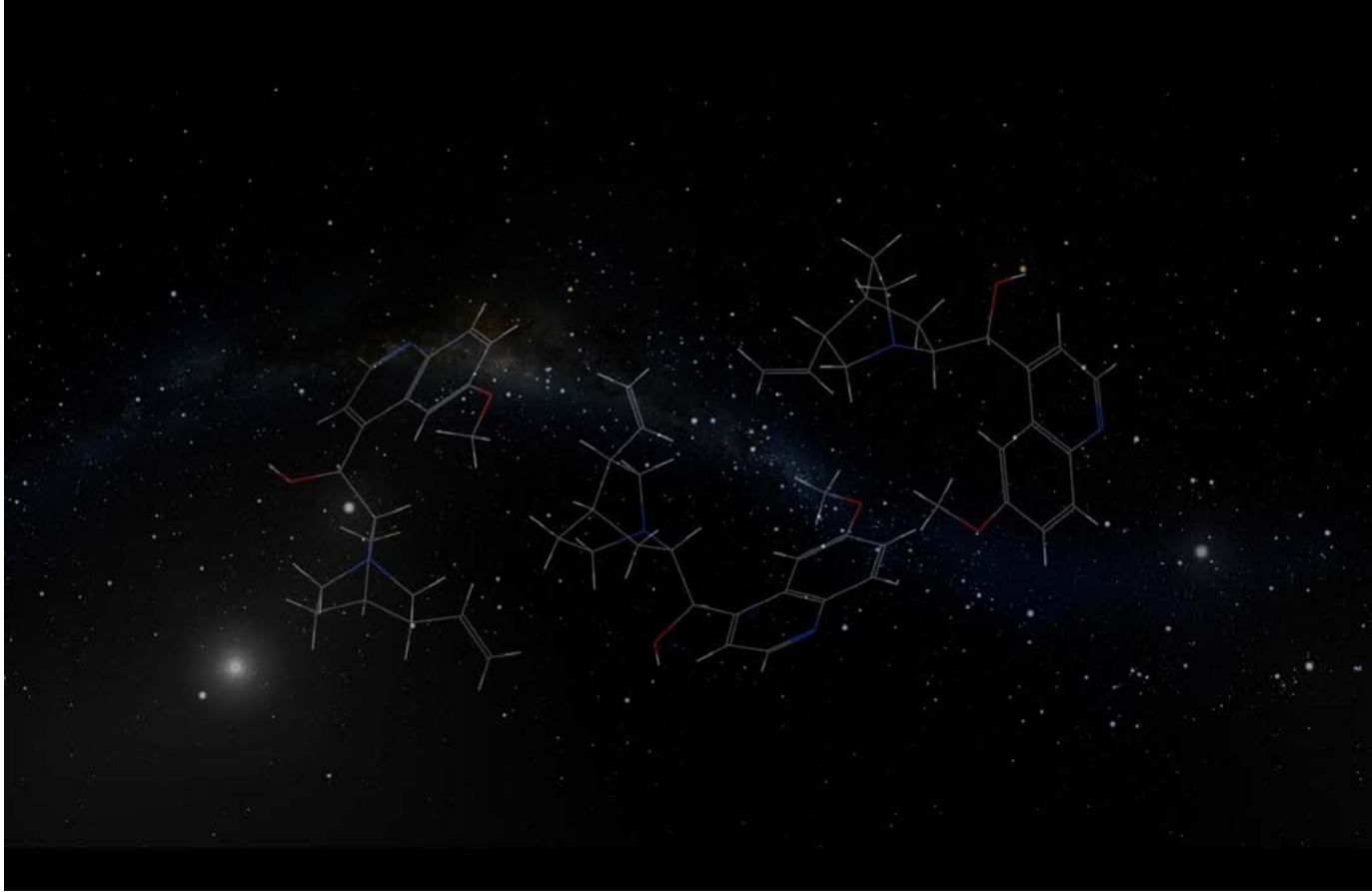
Formato: FullHD / Cor / Estéreo

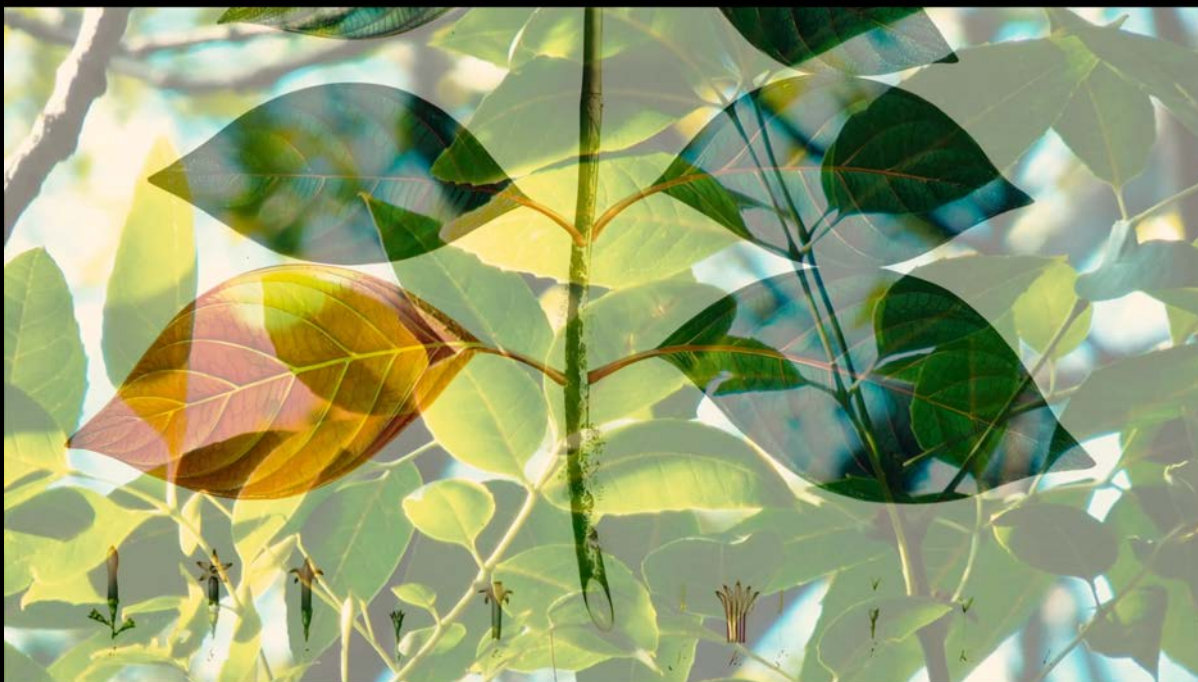
Ano: 2024

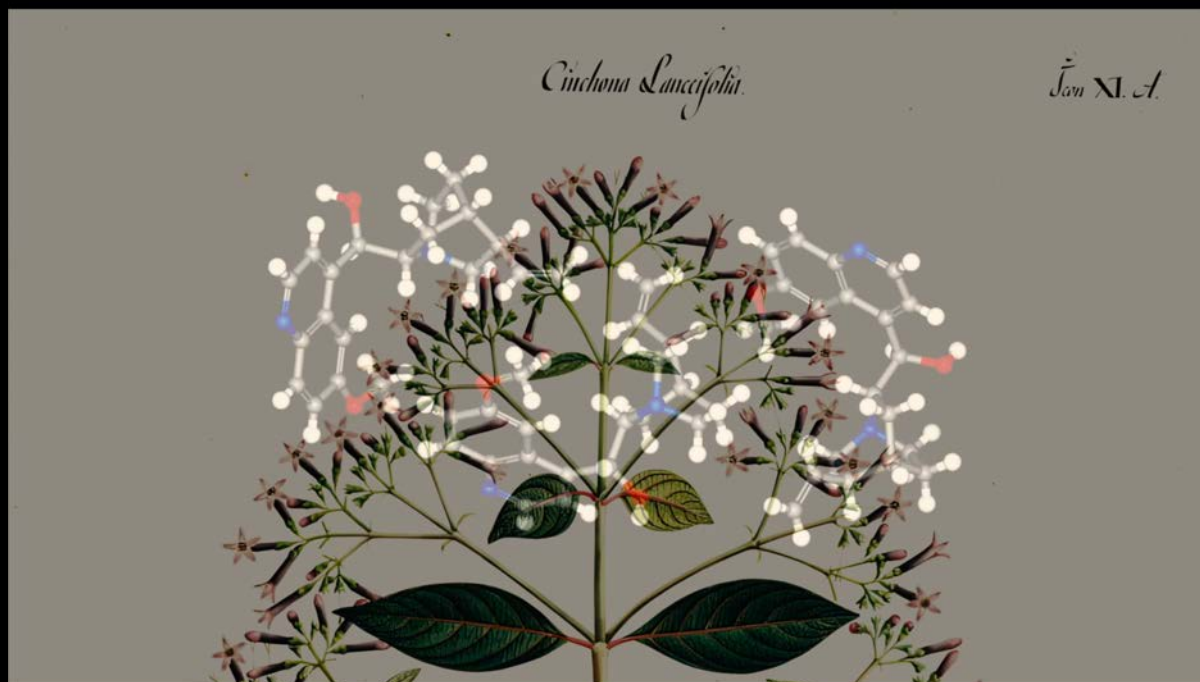
Filme completo: <https://www.paisajesfantasma.com/videos/ma-quina>

Os fantasmas coloniais não param de assombrar e se tornam vegetais. Por séculos, fizeram o mundo funcionar em favor de um mundo único, enquanto outros eram aniquilados. A farmácia da quina é um exemplo da força de sua maquinaria. Febre de conquista, estado febril e transe da percepção, imagens febris, um mundo que arde, uma ma-quina-ção. Malária de arquivo, o cosmos reclamando, a quina em constante variação, os Bora e Uitoto a conjurar. Ma-quina.

MA-QUINA
[quinine machine]



























ARTEFATOS ROUBADOS

Centro de Malestares Tropicales

Uma recente onda de ativismo arquivístico vem sendo exercida silenciosamente por voluntários e/ou funcionários descontentes em arquivos de todo o mundo. Trata-se, em grande parte, do deslocamento de objetos e documentos historicamente contestados (alguns chamariam de microvandalismo com propósito ou de “diplomacia ativa”).

Como parte de suas atividades de preservação, o Centro de Malestares Tropicales recebeu, para conservação e análise, doações individuais de espécimes extraídos de uma multiplicidade de repositórios ao redor do mundo. A menos que se indique o contrário, todos os espécimes foram doados anonimamente ao Centro desde 2019. Nos casos aprovados pelos doadores, a última procedência conhecida de cada espécime foi devidamente registrada.



Amostra de casca do primeiro espécime da variedade ledgeriana—moens, obtido pelo cruzamento de diferentes espécies de quina, nos laboratórios da plantação holandesa de Buitenzorg, em Bandung, Indonésia. É resistente a doenças nas raízes, desenvolve folhas maiores e possui alta concentração de quinina. Graças a essa variedade, os Países Baixos conseguiram alcançar o monopólio da produção global de quinina até a Segunda Guerra Mundial.



Fragmentos da casca de quina que faziam parte do “pacote B”, enviado pelo panamenho José Sebastián López Ruiz ao Real Jardim Botânico de Madri em 1776, para avaliação. As autoridades espanholas solicitaram que as amostras fossem remetidas a José Celestino Mutis, que reconheceu a contragosto a maior qualidade das amostras do ‘pacote A’. Esse incidente deu origem a um dos conflitos científicos mais relevantes na ciência latino-americana nascente.



Fragmentos de casca de quina triturada, usados para extrair quinina e outros alcaloides, como os usados no "Projeto Malária" do exército dos EUA, voltado ao desenvolvimento de medicamentos experimentais. Milhares de soldados e pacientes mentais foram forçados a participar de experimentos secretos. A esmagadora maioria das cobaias apresentou melhoria mínima, danos em órgãos e outros efeitos colaterais.



Durante a Primeira Guerra Mundial, os fabricantes holandeses Nederlandsche Kininefabriek (NKF), Amsterdamsche Chininefabriek (ACF) e a plantação Bandoengsche Kininefabriek (BKF) assinaram um acordo de partilha de custos e lucro, por meio do qual essas empresas compartilhariam dividendos. Essa união corporativa, chamada 'Combinatie', criou uma empresa conjunta que acabaria se transformando no Kina Bureau, o primeiro cartel farmacêutico global. Segundo a revista Fortune, essa rede corporativa era, em 1932, "a organização mais científica existente".



Amostra obtida de um espécime vivo localizado em uma reserva natural nas montanhas da região de Tena, onde

Sebastián José López Ruiz descobriu grandes quantidades de quina. Ao tentar certificar sua descoberta perante a coroa espanhola, consultou José Celestino Mutis para que atestasse a qualidade da casca. Em vez de reconhecê-lo, Mutis utilizou suas conexões políticas para desacreditar López Ruiz, deixando-o na ruína e roubando-

lhe o título de descobridor da quina em Bogotá — feito que, posteriormente, lhe garantiu a fama que hoje possui.

Nessa região, outrora habitat natural dessa espécie de quina, a árvore está praticamente extinta, assim como em

outras áreas da América do Sul.



As primeiras quinas vivas vistas na Europa foram
C. calisaya, cultivadas no Jardim des Plantes a
partir de sementes coletadas por Hugh Algernon
Weddell na Bolívia, em 1846.



Quando o exército japonês passou a controlar a Indonésia, os Aliados perderam repentinamente sua única fonte de antimaláricos, cruciais em muitos fronts. Isso levou à criação das “Missões Cinchona” (1942-1945), uma série de expedições realizadas pelos Estados Unidos para encontrar fontes naturais de quina na América do Sul. Nos escassos cinco anos que durou a expedição norte-americana, os EUA extraíram mais casca de quina do que nos trezentos anos de colonização espanhola. Apesar de ter sido uma expedição muito bem-sucedida para os norte-americanos, e apesar das promessas feitas, não houve transferência de tecnologia e a incipiente indústria foi deixada à morte.

Referências³

- Antunes, E.; Gutmann, J. F., & Maia, J. P. (2018). No tempo do Zoio: matrizes midiáticas, temporalidades e YouTube. *Revista Contracampo*, 37(3), 106–125. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v37i3.26999>
- Bento, B. (2017). *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. EDUFBA.
- Butler, J. (2008). *Cuerpos que importan* (2nd ed.). Paidós.
- Martín-Barbero, J. (2009a). Uma aventura epistemológica. *Matrizes*, 2(2), 143–162. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v2i2p143-162>